

*"Auto-Retrato", gentileza do  
Museu do Prado, Madri*

# Ticiano: Mestre Pintor de Veneza

GEORGE KENT

**U**M DIA, em Augsburg, na Baviera, trabalhando ao seu cavalete, no palácio de Carlos V, imperador do Santo Império Romano, o pintor Ticiano deixou cair o pincel. O imperador, soberano da maior parte da Europa, precipitou-se e apanhou-o do chão. A admiração de Carlos por Ticiano não tinha limites. Homenageou o pintor com o título de Conde e Cavaleiro da Espora de Ouro, e fêz os filhos dêle nobres do império—honras sem precedentes para um pintor. O imperador fazia calar os cortesãos invejosos dizendo-lhes: "Podemos criar condes em número ilimitado, mas não podemos criar outro Ticiano."

Algum tempo durante sua vida êle foi realmente insuperável. Seus três portentosos rivais—Miguel Ângelo, Leonardo e Rafael—morreram todos antes dêle, deixando-o como mestre incontestado de seu tempo. Os reis mandavam emissários a sua casa para implorar-lhe quadros.

Incomparavelmente versátil, pintava vastos retábulos, transbordantes de êxtase e ternura cristã; pintava também sensuais cenas de alcova—bacanais, pastorais e Vênus em quantidades intermináveis. Criou ce-

nas de batalhas, repletas de incidentes, incluindo até 100 figuras; e pintou centenas de retratos, que não eram apenas parecidos com a pessoa retratada, mas também estudos psicológicos—num estilo que se tornou modelo para os pintores das gerações posteriores. Van Dyck, Rubens, Rembrandt, Velásquez inspiraram-se em Ticiano. Em muitas línguas seu nome é hoje a palavra que descreve os cabelos de ouro—um amarelo avermelhado—das mulheres que êle pintava.

Tiziano Vecellio nasceu em Pieve di Cadore, nos Alpes Italianos, por volta de 1477, descendente de camponeses e soldados. Corre a lenda de que, usando o sumo de flôres, extraído por êle mesmo, aos sete anos o menino pintou na parede de sua casa uma “Madona e o Menino”. Era pobre e nunca freqüentou a escola, mas seu pai reconheceu-lhe o talento e mandou-o, aos nove anos, para a casa de um tio em Veneza, para aprender o ofício de pintor.

Depois de estudar desenho e côres com um fabricante de mosaicos, foi para o *atelier* do



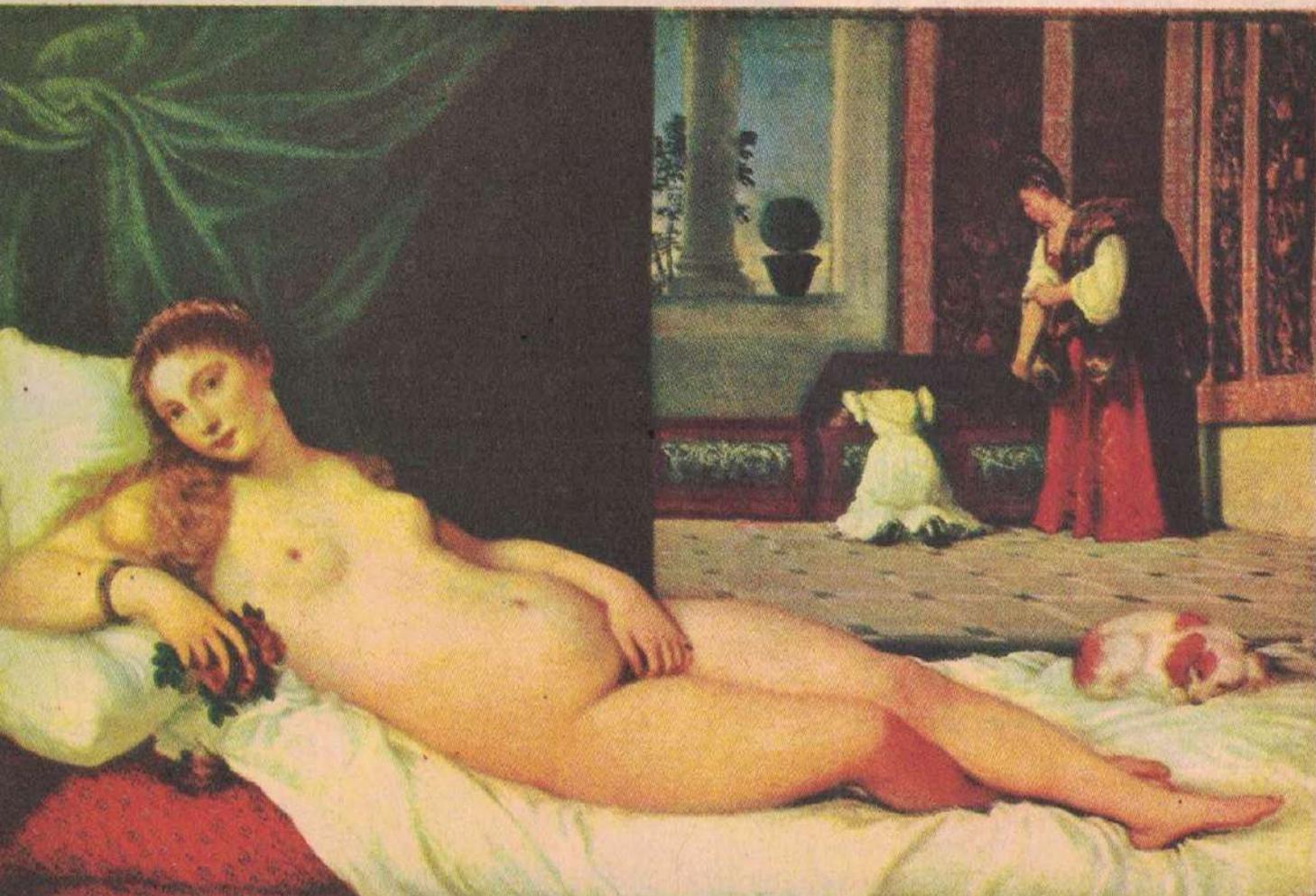
“Retrato de um Contarini”, do Museu de Arte de São Paulo



*“Retrato de um Jovem”, de  
identidade desconhecida. Gentileza  
do Palácio Pitti, Florença*

*“La Bella”, retrato de uma dama  
de alta linhagem, provàvelmente  
a Duquesa de Urbino.  
Gentileza do Palácio Pitti*

*“A Vênus de Urbino”,  
pintado para o Duque de  
Urbino. Gentileza do Museu  
degli Uffizi, Florença*





grande Giovanni Bellini, que era um excelente professor. Notando a paixão de seu aluno pelas côres—e vendo que o seu ponto fraco era a forma—Bellini mantinha-o prêso ao desenho. Mas quem deu volta à chave que libertou o gênio de Ticiano foi outro pintor, conhecido por Giorgione, que também viria a tornar-se imortal. Giorgione revoltara-se contra o estilo de Bellini e começara a pintar as pessoas como as via—vívida e líricamente. Ticiano ficou maravilhado, e dentro de pouco tempo também êle estava usando tintas com abandono.

Um dia Ticiano juntou os pincéis e deixou Bellini para seguir Giorgione. Os quadros dos dois eram muito semelhantes; os especialistas discutem até hoje qual dêles terá pintado certas telas. Quando um edifício recém-construído, o Fondaco dei Tedeschi (Armazém dos Alemães), precisou de afrescos nas paredes externas, Giorgione obteve o contrato. Êle fêz a fachada, de frente para o Grande Canal, e Ticiano fêz os fundos, que davam para uma rua estreita. Enquanto êles trabalhavam, muita gente observava e comentava; e depois de tudo pronto a obra de Ticiano conquistou maiores louvores.

Segundo algumas versões, Giorgione nunca mais lhe perdoou, e assim acabou a amizade entre os dois. Mas quando Giorgione morreu, dois anos depois, Ticiano completou alguns dos quadros que êle deixara.

Depois morreu Bellini, e Ticiano foi oficialmente chamado de “Primeiro Pintor de Veneza”. Sua primeira encomenda importante foi uma *Assunção* para a Igreja dos Frades. Era uma obra enorme, de quase sete metros por quatro com figuras gigantescas e côres flamejantes. Veneza compareceu à descobertura do quadro: só algumas pessoas aplaudiram. Os frades adiaram o pagamento. Mas dentro de pouco tempo a igreja se enchia de artistas que iam estudar e copiar o quadro. Argumento mais convincente em favor da obra foi a visita de um representante da Côrte Imperial. O homem sopesou um saco de moedas de ouro e ofereceu-se para comprar imediatamente o quadro. Ticiano recebeu o dinheiro . . . dos frades.

Êle continuou fazendo experiências com as côres. Ao contrário de outros artistas que o precederam e que começaram, cuidadosamente, traçando os contornos a giz, êle trabalhava diretamente com o pigmento, em profusão, moldando-o com o pincel, com a espátula e, finalmente, com os dedos. Na pintura da carnação, seu método produziu resultados estupendos. Êle pintava a carne em branco, e branco sôbre branco, acrescentando um pouco de azul e um pouco de verde, obtendo afinal uma carnação tão verdadeira que dava a impressão de que iria sangrar se fôsse tocada com uma faca; havia veias e artérias e a textura da pele. Nunca houve quem pintasse o nu com tanta fidelidade e vigor. Nada de belezas

lisas de mármore, mas a criatura viva.

Aquela foi uma era maravilhosa—uma era ouro-e-escarlate. Quando Ticiano era menino, a grande novidade foi a descoberta da América. Quando ficou mais velho, Henrique VIII ocupava o trono da Inglaterra, Lucrecia Borgia seguia a sua tóxica carreira e Lutero empreendia a Reforma. Veneza era ainda rainha dos mares e senhora do Oriente. De muito longe vinham homens visitá-la—para gozar suas belezas, aprender com os seus sábios e artistas.

Muitos artistas da despreocupada Renascença eram patifes, ou coisa pior, mas Ticiano era bom marido e bom pai, um amigo certo, um homem digno. Na segunda metade de sua longa vida, passou muito tempo numa ronda de viagens de palácio em palácio—pintando murais, retratos de imperadores, reis, arquiducos e cardeais. Até o Papa posou para êle. Quando voltou, era visto passeando pelas ruas de Veneza, uma figura senhoril, de barrete e toga,

seguido de admiradores e discípulos. As pessoas se apressavam a abrir caminho para êsse pintor, amigo de reis. Quando Henrique III de França foi a Veneza, só manifestou um desejo—ver Ticiano trabalhando no seu *atelier*.

Segundo alguns eruditos, êle viveu 99 anos, sempre robusto, e produziu até ao fim obras primorosas. Seu *Pastor e Ninfa*, um de seus quadros mais sensuais, foi pintado nos últimos anos de sua vida. Ticiano morreu numa peste que arrebatou 50 000 pessoas, um quarto da população de Veneza. Mesmo na morte êle foi destacado. Os mortos comuns eram empilhados em carrêtas, à noite, e levados de barca para serem enterrados numa ilha distante; Ticiano teve funerais solenes na Igreja dos Frades, adornada com muitos de seus quadros mais notáveis. E em milhares de *ateliers* as lições de um filho de montanhesees foram sendo transmitidas a novas gerações de pintores.



### *Anjo da Guarda*

UM CASAL estava discutindo sôbre o impôsto de renda pago havia poucos dias. O marido achava que tinha feito determinado desconto que a lei permitia, mas a espôsa dizia que não tinha. Então êle telefonou para a repartição do impôsto de renda e expôs o caso. Uma jovem disse que teria prazer em verificar, e pouco depois informou que êle não havia feito o desconto.

—O senhor quer que eu mande a declaração para o seu escritório—perguntou ela—para que sua espôsa não saiba que ela é que tinha razão?

—George Fuermann, em *Post* de Houston